



Arte e agroecologia no IFES de Venda Nova do Imigrante: da produção artística à conscientização

Art and agroecology at IFES in Venda Nova do Imigrante: from artistic production to awareness

MENEGUELLI, Adrianna Machado¹, RIBEIRO, Marcos Roberto M.², CARVALHO, Frederico Castro³, LIMA, Rayane⁴, OLIVEIRA, Adriane Bernardo de⁵

¹Instituto Federal do Espírito Santo, adrianna.meneguelli@ifes.edu.br; ²Instituto Federal do Espírito Santo, marcos.roberto@ifes.edu.br; ³Instituto Federal do Espírito Santo, frederico.castro@ifes.edu.br; ⁴Instituto Federal do Espírito Santo; rayane.lima@ifes.edu.br, ⁵Instituto Federal do Espírito Santo, abernardo@ifes.edu.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo temático: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia

Resumo: A partir mormente de nossa experiência como professores e ativistas ambientais, e da detecção de que toda mudança começa pela educação, propusemos o cinema crítico, a produção de uma exposição de fotografias e de poemas pelos alunos de um *campus* do Instituto Federal do interior do Espírito Santo. Muitos deles filhos de pequenos agricultores, puderam dividir com suas famílias e comunidades, o início de um aprendizado sobre meio ambiente, e sobre produção agroecológica e orgânica, que começa a despontar na região. A arte, assim, como estratégia comunicacional, e de transformação social, orientou as propostas que, como membros do NEAAS (Núcleo de Educação Ambiental, Agroecologia e Sustentabilidade), procuramos desenvolver. Os resultados – a ampliação tanto da conscientização ambiental, e agroecológica, quanto do conhecimento sobre as ações sustentáveis – foram extremamente profícuos, principalmente por terem envolvido a comunidade, considerando suas vivências e seus saberes.

Palavras-chave: cultura; educação; sustentabilidade; comunidade.

Contexto

O *campus* Venda Nova do Imigrante – do IFES (Instituto Federal do Espírito Santo) – localiza-se na região de montanhas, sudoeste serrano, do Estado do Espírito Santo. Fundada por famílias de imigrantes italianos, é conhecida como a “capital nacional do agroturismo”, perífrase que informa tratar-se de uma região de pequenos e médios agricultores, cuja produção alimenta – *lato senso* – não somente as comunidades circundantes, mas também a economia local. Como a cidade, em crescente expansão, é atravessada pela BR 262, o Instituto acaba atraindo estudantes de toda a região, atuando como um centro de produção de conhecimento, de pesquisa e de extensão para as várias comunidades circundantes e para os municípios vizinhos, como Afonso Cláudio, Castelo, Brejetuba, dentre outros de médio porte. Isso posto – que dá uma noção da procedência de nossos alunos – importa frisar que há, por parte do *campus*, toda uma preocupação em integrar a comunidade nas ações educacionais ali desenvolvidas.



Daí o surgimento de vários núcleos, voltados a temáticas e a vivências passíveis de serem estudadas, pesquisadas, discutidas interna e externamente e compostos por servidores e por moradores (pesquisadores ou não) da região. Esse é o caso do NEAAS – Núcleo de Educação Ambiental, Agroecologia e Sustentabilidade que, em comemoração à Semana Nacional do Meio-ambiente, propôs uma série de ações no *campus*. Como docentes e membros, propusemos, aos colegas e aos alunos – do Ensino Médio e da graduação em Letras – a realização de um percurso formativo atravessado pela arte, envolvendo cinema, fotografia e poesia.

Como há um número expressivo de alunos cujas famílias trabalham na terra, produzindo uma gama de alimentos, a partir de técnicas agrícolas variadas, a conversa iniciou em sala de aula e partiu da importância de analisarmos o tipo de relação que tem se estabelecido entre o ser humano e o lugar onde vive, entre o homem e a terra, entre e a cultura e a natureza. E ainda, como a região se destaca na produção de cafés especiais, o ponto de partida – artístico – foi a apresentação de um documentário (de curta-metragem) de um ex-aluno, versando justamente sobre a plantação do café no meio da mata. Ingressamos, assim, no conceito de agroecologia.

Das discussões ali surgidas, e tendo em vistas a Semana do Meio-ambiente, propusemos aos alunos do Ensino Médio – mais especificamente aos dos primeiros anos – a produção de poemas que abordassem essa temática, que se desdobra também em outras. Para os alunos da graduação, a proposta foi a de resgatar um projeto denominado “Narrativas com luz” que, em sua terceira versão, traria à cena fotografias, seguidas de pequenas frases, sobre essa relação entre o homem e o meio; e mais, sobre a urgência de se conceber novas formas de lidar com a Terra, donde a apresentação da agroecologia como alternativa. E para todos os alunos do turno noturno surgiu a ideia de assistirmos a um longa-metragem (documentário) sobre o tema.

Assim, através da arte, atingiríamos o inicial – e principal – objetivo dessas ações: a conscientização dos jovens; sendo que, num efeito dominó, acabari2atingindo os familiares, que estariam presentes na Semana, e, aos poucos, a comunidade como um todo.

Descrição da experiência

A proposta da produção de poemas – voltados às temáticas da agroecologia e da relação do ser humano com o meio-ambiente – rendeu dois murais, que ficaram expostos no corredor externo das salas de aula. Os alunos do primeiro ano do Ensino Médio expuseram, assim, suas impressões a partir das conversas realizadas em aula e do bate-papo promovido a partir do curta-metragem: *Aproveite a caminhada*: um filme sobre café e agrofloresta (2022), de Heitor Delpupo. Os murais ficaram expostos (Figura 1) durante o



sábado da Feira Ambiental (17/06/23), promovida pelo NEAAS, e durante toda a semana subsequente.

Para os alunos da graduação, a proposta – a partir igualmente das conversas em sala sobre as temáticas exploradas na Semana Interdisciplinar de Meio-Ambiente, de 12 a 17 de junho, e do mesmo curta-metragem sobre café e agrofloresta – foi organizar uma exposição de fotografias que contemplassem essas temáticas, mormente na região de atuação das famílias dos discentes. Assim, recuperamos um projeto intitulado “Narrativas com luz”, em sua terceira versão, para incentivar os alunos a produzirem as fotos, de preferência na região, e registrarem sua impressão sobre a imagem captada; isso para treinar não somente o olhar, mas também a capacidade de se exprimir criticamente diante do que está posto.

Essa exposição teve sua inauguração agendada para o dia 13 de junho, durante a Semana, e no início da mesma semana começou a ser organizada pelos alunos do Curso de Graduação em Letras Português, com a colaboração de alunos dos cursos de Administração e de Ciência e Tecnologia de Alimentos, que ajudaram na recepção, fornecendo inclusive, para os convidados, um café especial, já que o *campus* é referência nessa área de pesquisa. Após a inauguração da exposição (Figura 2), todos se dirigiram ao auditório para o cine-debate, isto é, para assistirem a um documentário de longa-metragem – traduzido para o português como: *Seremos história?* (2016) – após o qual os espectadores seriam estimulados a exporem questionamentos e ideias a partir dos temas postos em cena.

No cerne dessa proposta, estava a intenção de, partindo de uma situação macro, planetária – sobre a qual muitos dos nossos alunos não tinham a menor ideia – para chegar a uma realidade local; por isso fez parte de nosso discurso, desde a proposição da exposição e do convite ao cine-debate, a importância de entendermos o porquê de a questão ambiental ser tão urgente em nosso tempo. E ainda, do porquê da interdisciplinaridade se fazer tão necessária, já que trata de um assunto que a todos afeta, e que atravessa a todas as disciplinas. Isso sem perder de vista alguns marcos da pedagogia freireana que se encontram na base de todas essas proposições; a começar pela atenção dada às histórias de vida dos alunos, a partir das quais o conhecimento deve ser construído. Além disso, o compromisso de levarmos os estudantes a desenvolverem o senso crítico; e mais, de adquirirem perspectivas variadas a respeito de uma mesma situação, ou de um mesmo fato, habilidade que a arte, magistralmente, faz por bem promover.

Como a adesão – tanto de alunos e de servidores (público interno), quanto de familiares e de membros da comunidade (público externo) – foi grande, tivemos a sensação de que estávamos indo pelo caminho certo; o de, através da arte, despertar a curiosidade para não somente a questão ambiental de uma maneira geral, mas para a situação ambiental no nosso entorno (Figura 3). Tanto que, apesar de o documentário versar sobre uma realidade global, em grande parte focada nas emissões de gases industriais, e nas ações de



intervenção antrópica no meio ambiente, o debate após o documentário acabou se voltando para a realidade local, para estratégias – sendo a agrofloresta a mais abordada, junto às energias sustentáveis – para melhorar o planeta.

Figura 1



Fonte: os autores.

Figura 2



Fonte: os autores.

Figura 3



Fonte: os autores.



Resultados

A expectativa de iniciarmos um trabalho de conscientização ambiental – ampliando a temática para a produção agroecológica, e para o cultivo orgânico – mediado pela arte foi grandemente atingida, em função principalmente da adesão, tanto do público interno quanto do externo. Mais até do que a presença das famílias dos alunos, e de membros da comunidade, na abertura da exposição, na sessão do filme documentário e no sábado da Feira Ambiental, chamou-nos a atenção toda a contribuição crítico-discursiva que esses eventos geraram.

Alunos que, pela timidez, normalmente não participam de rodas de conversas, ou de projetos que demandem uma participação oral, sentiram-se afetados, quando não contemplados, pelas questões ambientais expostas durante a proposta da exposição, e contribuíram com imagens de sua região, de sua comunidade agrícola, ou mesmo urbana, o que despertou interesse do público que prestigiou a abertura da exposição.

Do cine-debate, excedendo às nossas expectativas, os frutos ficaram por conta dos questionamentos e dos relatos de vivências concernentes às temáticas ali veiculadas. Assim, familiares que trabalham com a agricultura, dividiram com a plateia suas experiências, e tiraram dúvidas, muitas das quais respondidas e debatidas pelos próprios alunos ali presentes. Ainda nas semanas subsequentes aos eventos, convém frisar, os alunos continuaram a nos abordar para discutir algumas das questões que estiveram em pauta durante o debate.

O mesmo interesse se deu em relação aos poemas expostos pelos alunos do primeiro ano do Ensino Médio, e não somente no sábado da Feira Ambiental, mas na semana seguinte, uma vez que os murais continuaram fixados no corredor da escola, atraindo a atenção de todos que por ali passavam. O tema da agroecologia, importa frisar, foi para muitos uma descoberta, pois não tinha ainda sido trabalhado no *campus* de forma tão efetiva como, através dessas ações no mês de junho, propusemos.

Para nós, membros do NEAAS, o que ainda mais profundamente ficou decantado é que ações como essas são mais do que pontualmente importantes; definem – pela atenção dada às histórias individuais e pelo afeto que a arte faz por bem circular e envolver – qual é o perfil de educador que queremos ser, e mais, qual escola queremos criar. Afinal, a mudança ambiental e agrícola que queremos ver começa no debate, no questionamento, na conscientização; começa indubitavelmente na educação.